

**UNIVERSIDADE DO EXTREMO SUL CATARINENSE - UNESC
CURSO DE ARTES VISUAIS - LICENCIATURA**

GIODETE FERNANDES DA SILVA BOAROLI

O DESENHO, O LUGAR E O TEMPO EM NARRATIVAS DE MEMÓRIAS

CRICIÚMA-SC

2016

GIODETE FERNANDES DA SILVA BOAROLI

O DESENHO, O LUGAR E O TEMPO EM NARRATIVAS DE MEMÓRIAS

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado para obtenção do grau de licenciado no curso de Artes Visuais da Universidade do Extremo Sul Catarinense, UNESC.

Orientadora: Prof. (a) Angélica Neumaier

CRICIÚMA-SC

2016

GIODETE FERNANDES DA SILVA BOAROLI

O DESENHO, O LUGAR E O TEMPO EM NARRATIVAS DE MEMÓRIAS

Trabalho de Conclusão de Curso aprovado pela Banca Examinadora para obtenção do Grau de licenciado, no Curso de Artes Visuais da Universidade do Extremo Sul Catarinense, UNESC, com Linha de Pesquisa em Educação e Arte.

Criciúma, 23 de novembro de 2016.

BANCA EXAMINADORA

Prof. (ª) Angelica Neumaier - Especialista em Ensino da Arte - (UNESC) -
Orientadora

Prof. (ª) Leticia de Brito Cardoso - Mestre em Poéticas Visuais - UFRGS

Prof. (ª) Izabel Marcílio Duarte - Mestre em Educação - UNESC

Dedico este trabalho a DEUS, por renovar minhas forças a cada dia e porque sei que ele é e sempre será fiel a mim.

AGRADECIMENTOS

Agradeço principalmente a Deus por ter me iluminado nesta longa jornada e por ter colocado pessoas maravilhosas em minha vida.

Agradeço a minha família que de modo geral sabem muito bem demonstrar amor, aos meus filhos Bruno e Davi que são meus maiores incentivadores e meu esposo Adelar, que foi compreensivo diante das minhas ausências, e a meus pais Nailor e Augusta que não mediram esforços para me ajudar.

Aos meus irmãos Gilberto, Giovani, Josiane, Giovana e Giva que estavam sempre dispostos em me ajudar. Ao meu cunhado Vilmar as cunhadas Janete, Linamar e Ana Paula que acreditaram no meu potencial. E a meu afilhado Alam que até hoje me chama de madrinha e a todos os sobrinhos e sobrinhas que estiveram sempre presentes.

Agradeço o carinho dos idosos depoentes, pois todos me receberam com amor.

Agradeço também a diretora e amiga Janete Gonçalves dos Santos por abrir as portas da Escola Judite Duarte de Oliveira e dar créditos a este projeto. E estendo o agradecimento também ao professor de artes Rafael Back toda a comunidade escolar.

Agradeço a todos os amigos e professores que estiveram comigo todos estes anos, com certeza guardarei na memória muitos momentos significativos. E jamais me esquecerei do professor Marcelo Feldhaus por me convencer a continuar o curso me mostrando uma solução.

Quero agradecer a minha querida orientadora por ter sido paciente, com tanto carinho e dedicação e por todos os momentos que me encorajou. Fico feliz em conhecê-la e além de ser uma ótima professora é uma grande amiga, muito obrigada Angélica Neumaier.

Gostaria de agradecer a todos que de alguma forma contribuíram durante esses anos de graduação e seja com palavras ou gestos saibam que contribuíram imensamente para realização desta conquista obrigada a todos.

“O desenho é um trabalho de memória, uma memória que permite se achar, se relembrar do que se é, ao mesmo tempo desvelado a realidade. Um registro gráfico, mas que abre sobre si e sobre o outro.”

Marisa Fava Cardoso Alves

RESUMO

O presente trabalho de conclusão de curso está inserido na linha de pesquisa Educação e Arte do Curso de Artes Visuais - Licenciatura da Unesc, e apresenta como problema de pesquisa: Como a arte e as narrativas de memórias podem contribuir para a valorização do patrimônio escolar? Como objetivo geral da minha pesquisa proponho investigar os relatos de memória dos idosos e ex-alunos da escola Judite Duarte de Oliveira que contribuem para a valorização e preservação do patrimônio escolar e como objetivos específicos ressaltar a importância da valorização da memória escolar, realizar uma pesquisa de campo e entrevistas com os ex-alunos da primeira escola do bairro Sangão, realizar uma proposta artística através do desenho que envolva a escola e desenvolver um projeto de curso tendo como propostas o resgate da memória através do desenho. Para isso, apresento a história da Escola Judite Duarte de Oliveira, reflexões sobre a memória, o tempo, o lugar e o desenho. A pesquisa está organizada em capítulos sobre a Escola EMEIEF Judite Duarte de Oliveira no tempo - Imagens e Lembranças, trago os autores Ferreira e Selau (2001); sobre Memória busco nos autores Freire (1979), Cortella (2015) e Bosi (2001); sobre Tempo e Lugar, trago Almeida (2013), Le Goff (2003) e Canton (2009); no capítulo Dialogando com os ex-alunos da primeira escola do Bairro Sangão, busco reflexões em Bosi (2001), Montenegro (2001) e Hartmann (2011) e sobre Arte, o Desenho e a busca de memórias dialogo com os autores Bosi (2000) e Derdyk (2004). Para realizar esta pesquisa optei por uma pesquisa de campo com abordagem qualitativa, utilizando como meio entrevistas com ex-alunos da escola.

Palavras-chave: Arte. Desenho. Tempo. Narrativas de memórias.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Meu avô Agnelo Bernardo da Silva, seu violão e o bisneto Alex (1985)	9
Figura 2 - Lápis de carpinteiro do meu avô Agnelo Bernardo da Silva.....	10
Figura 3 - Antiga Escola Mista da Estação Sangão (1933) - Criciúma – SC.....	16
Figura 4 - Antiga Escola Mista da Estação Sangão (2016)	17
Figura 5 - Professora Judite Campos Pereira e turma	17
Figura 6 - Procissão com o objetivo de pedir chuva para a região.....	17
Figura 7 - Igreja do Bairro Sangão	18
Figura 8 - Cadernos escolares do ano de 1948	23
Figura 9 - Criação de desenhos a partir das narrativas de memórias.....	35
Figura 10 - Criação de desenhos a partir das narrativas de memórias.....	35
Figura 11 - Criação de desenhos a partir das narrativas de memórias.....	36
Figura 12 - Criação de desenhos a partir das narrativas de memórias.....	36
Figura 13 - Criação de desenhos a partir das narrativas de memórias.....	37
Figura 14 - Mapa do Estado de Santa Catarina de autoria de Júlio Bernardes da Silva - Aluno da 3ª Série da Escola Judite Duarte de Oliveira - 1948	38

LISTA DE ABREVIATURAS

EMEIEF Escola Municipal de Educação Infantil e Ensino Fundamental Judite Duarte de Oliveira.

UNESC Universidade do Extremo Sul Catarinense.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO - MINHA TRAJETÓRIA PESSOAL	9
2 METODOLOGIA - O PERCURSO DA PESQUISA	13
3 A ESCOLA EMEIEF JUDITE DUARTE DE OLIVEIRA NO TEMPO – IMAGENS E LEMBRANÇAS.....	15
3.1 MEMÓRIA	18
3.2 TEMPO E LUGAR.....	20
4 DIALOGANDO COM OS EX-ALUNOS DA PRIMEIRA ESCOLA DO BAIRRO SANGÃO, MUNICÍPIO DE CRICIÚMA.....	22
5 APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS.....	26
6 A ARTE, O DESENHO E A BUSCA DAS MEMÓRIAS.....	33
7 PROJETO DE CURSO	38
8 CONSIDERAÇÕES FINAIS	42
REFERÊNCIAS.....	43
ANEXO (S).....	45
APÊNDICE A - AUTORIZAÇÃO DO USO DE IMAGEM, FALA E ESCRITA	46

1 INTRODUÇÃO - MINHA TRAJETÓRIA PESSOAL

Considerando a importância da arte e suas formas de manifestação, posso dizer que todas as linguagens artísticas são relevantes, estabelecendo relações de conhecimento entre as pessoas de outros tempos e lugares.

Mesmo sem perceber, a arte fazia parte do meu cotidiano antes de conhecer a escola admirava as cores, as formas, texturas.

Muitas vezes me emocionei ao ouvir meu avô tocando seu violão, com o pé apoiado no estreito sofá azul da sala, tempos depois descobri que ele tocava música clássica, meu avô também fazia cestos de palha e cipó, com muita habilidade manuseava seu canivete, entalhando desenhos na madeira transformando-os em utensílios domésticos.

Figura 1 - Meu avô Agnelo Bernardo da Silva, seu violão e o bisneto Alex (1985)



Fonte: Acervo pessoal da pesquisadora.

Não poderia deixar de citar as belíssimas colchas de retalhos que minha avó costurava na velha máquina, era fascinante observar aqueles pedaços de tecidos numa perfeita composição e eu queria saber a história de cada tecido, então minha vó pegava cada retalho e contava suas lembranças.

Quando criança acompanhava minha mãe quando íamos ao centro de Criciúma e podia observar as construções mais antigas, com detalhes tão diferentes em portas e janelas, observávamos as fotos antigas da Loja Zapellini Fotos.

Em casa sempre estava inventando, fazia carrinhos com latas de azeite e sardinha para meu irmão brincar e também fazia panelas e xícaras de barro para minhas irmãs.

Como não possuíamos papéis nem lápis para desenhar eu pude experimentar vários materiais, desenhava na parede da nossa casa e em pedaços de madeira com cacos de telha de barro, carvão e barro seco que chamávamos de torrão. Quando minha mãe não estava por perto eu desenhava no chão de barro que ficava em frente à porta da cozinha, meu lápis era um pedaço de galho com ponta fina, minha mãe mantinha limpo e com certeza aquele chão batido foi a melhor lousa em que desenhei.

O primeiro lápis que usei foi um lápis de carpinteiro, meu avô utilizava para suas construções, quando vi o lápis me senti atraída, peguei um pedaço de papel de embrulhar pão, então esperava meu avô largar o lápis para poder desenhar.

Figura 2 - Lápis de carpinteiro do meu avô Agnelo Bernardo da Silva



Fonte: Acervo pessoal da pesquisadora.

Conclui o primeiro grau em quatro anos na Escola Municipal Judite Duarte de Oliveira no bairro Sangão em Criciúma no ano de 1976, apesar de haver poucas aulas de arte, eram as que eu mais gostava.

Durante a minha adolescência fui muito observadora do mundo em minha volta e chorei quando derrubaram a antiga estação de trem do bairro Sangão.

Fui ter contato mais efetivo com a arte na Universidade, aprendi um jeito novo de ver a vida e potencializei a minha sensibilidade em relação a tudo o que me cerca.

No curso de Artes Visuais da Unesc conheci muitas pessoas com quem me identifiquei e outras que me ajudaram no processo de aprendizagem, valorizo todas as aulas e palestras que tive a oportunidade de participar no decorrer do curso, mas jamais me esquecerei das experiências empolgantes nos ateliers do bloco Z.

Em agosto de 2016 participei do IV Colóquio de História da Educação e em uma mesa redonda como o título Experiências de preservação do patrimônio escolar sobre a memória dos estabelecimentos escolares, o tema da palestra me chamou a atenção não só pelas belíssimas fotos antigas, mas também pelos relatos emocionados das palestrantes.

Depois desta palestra não consegui mais esquecer o assunto, sendo assim resolvi mudar o foco da minha pesquisa do trabalho de conclusão do curso a partir do comentário da palestrante sobre a escola que frequentei na infância e que fica no bairro onde resido, falou também de uma casa de madeira que foi a primeira escola do bairro Sangão em Criciúma, sendo assim trago como problema de pesquisa: **Como a arte e as narrativas de memórias podem contribuir para a valorização do patrimônio escolar?**

Como objetivo geral da minha pesquisa me proponho a investigar os relatos de memória dos idosos que tiveram ligação com a primeira escola do bairro Sangão e que a maioria deles foram alunos da atual escola Judite Duarte de Oliveira, nos anos de 1930 a 1950 (até esta data chamada Escola Mista da Estação Sangão) e como podem contribuir para a valorização e preservação do patrimônio escolar e como objetivos específicos ressaltar a importância da valorização da memória escolar, realizar uma pesquisa de campo e entrevistas com os ex-alunos da primeira escola do bairro Sangão, realizar uma proposta artística através do desenho que envolva a escola e desenvolver um projeto de curso tendo como propostas o resgate da memória através do desenho.

Diante do problema de pesquisa organizo o texto em capítulos através de vários autores. No capítulo sobre a Escola Municipal de Educação Infantil e Ensino Fundamental Judite Duarte de Oliveira no tempo - Imagens e Lembranças e trago os autores Ferreira e Selau (2001); sobre Memória busco nos autores Freire (1979),

Cortella (2015) e Bosi (2001); sobre Tempo e Lugar, trago Almeida (2013), Le Goff (2003) e Canton (2009); no capítulo Dialogando com os ex-alunos da primeira escola do Bairro Sangão, busco reflexões em Bosi (2001), Montenegro (2001) e Hartmann (2011) e sobre Arte, o Desenho e a busca de memórias dialogo com os autores Bosi (2000) e Derdyk (2004), na busca de respostas para minhas indagações.

2 METODOLOGIA - O PERCURSO DA PESQUISA

Diante da realização da pesquisa do trabalho de conclusão de curso de Artes Visuais - Licenciatura e destaca a definição de Demo (2000, p.23) “pesquisa é a atividade científica pela qual descobrimos a realidade” e ao fazermos uma pesquisa precisamos estar receptivos às informações para que através delas iniciem os questionamentos.

Vivenciar cada etapa, empenhando com interesse e zelo a conquista de novas descobertas, é o que diz Demo (2000, p.23) “na condição de princípio científico, pesquisa apresenta-se como instrumentação teórico-metodológico para construir conhecimento”, sendo assim vejo esta pesquisa como instrumento de ligação entre o passado e o presente, estabelecendo a devida importância às narrativas dos idosos que são ex-alunos da Escola Judite Duarte de Oliveira, verificando como essas narrativas podem contribuir para envolver os alunos no despertar do sentimento de valorização da memória escolar.

Em relação ao tipo de pesquisa será de abordagem qualitativa:

A pesquisa qualitativa ocorre em um cenário natural. O pesquisador qualitativo sempre vai ao local (casa, escritório) onde está o participante para conduzir a pesquisa. Isso permite ao pesquisador desenvolver um nível de detalhes sobre a pessoa e sobre o local e estar altamente envolvido nas experiências reais dos participantes. (CRESWELL, 2007, p.186).

Minha pesquisa traz como título: O Desenho, o Lugar e o Tempo em narrativas de memórias e tem como objetivo geral: Investigar como os relatos de memórias dos idosos e ex-alunos da escola Judite Duarte de Oliveira contribuem para a valorização e preservação do patrimônio escolar. E como objetivos específicos: Oportunizar a valorização da memória escolar. Realizar uma pesquisa de campo e entrevistas com os ex-alunos da primeira escola. Executar uma experimentação artística através do desenho que envolva a antiga escola. Vivenciar sendo participante de uma instalação tendo o desenho e a antiga escola como proposta para resgatar a memória.

A pesquisa está inserida na linha Educação e Arte do Curso de Artes Visuais licenciatura da UNESC, focando o desenho como linguagem artística e sua relação com a memória, tendo narrativas de idosos como suporte metodológico.

Quanto à natureza trata-se de uma pesquisa básica com entrevistas semi-estruturadas.

Os comentários sobre o papel do pesquisador preparam o terreno para discussão das questões envolvidas na coleta de dados. Os passos da coleta de dados incluem estabelecer as fronteiras para o estudo, coletar informações através de observações e entrevistas desestruturadas (ou semi-estruturadas) documentos e materiais visuais, bem como estabelecer o protocolo para registrar informações. (CRESWELL, 2007, p.189).

Considerando a importância de fatos passados, como fonte de motivação para a realização de pesquisa de campo, sobre a qual, Marconi e Lakatos (2010, p.89) afirmam:

Partindo do princípio de que as atuais formas de vida social, as instituições e os costumes tem origem no passado, é importante pesquisar suas raízes, para compreender sua natureza e função. Assim, o método histórico consiste em investigar acontecimentos, processos de instituições do passado para verificar a sua influência na sociedade de hoje, pois as instituições alcançaram sua forma atual através de alterações ao longo do tempo, influenciadas pelo contexto cultural particular de cada época. Seu estudo, para uma melhor compreensão do papel que atualmente desempenham na sociedade, deve remontar aos períodos de sua formação e de suas modificações.

Sendo assim estabelecemos como campo de investigação, a realização de entrevistas com os ex-alunos que estudaram na primeira escola do bairro Sangão, nas décadas de 30 e 40 que residem no bairro e em bairros vizinhos.

As entrevistas que foram realizadas com os idosos e ex-alunos em suas residências foram filmadas, selecionei então algumas partes para mostrar para os alunos do Ensino Fundamental II, em seguida registraram estas lembranças em forma de desenho sobre o tecido branco.

A pesquisa de campo acontecerá nos meses de Setembro e Outubro de 2016.

Na proposta de curso o desenho será usado como registro de memória na elaboração de um livro.

3 A ESCOLA EMEIEF JUDITE DUARTE DE OLIVEIRA NO TEMPO – IMAGENS E LEMBRANÇAS

No início do povoamento do bairro Sangão, a Igreja exercia papel fundamental entre os colonos (imigrantes em sua maioria de tradição cristã católica), que chegados a um lugar totalmente desconhecido e enfrentando uma série de dificuldades para se instalar, encontraram na família e na religião a força necessária para poder superar as diversidades dos primeiros tempos. A primeira capela da comunidade [...], foi construída em madeira, coberta de tabuinhas e localizava-se na curva do rio Sangão, próximo à margem do rio. [...] A instalação da estrada de ferro Dona Tereza Cristina formou um centro comercial na comunidade. Decidiu-se construir uma nova capela. (FERREIRA; SELAU, 2001, p.67).

“Em forma de mutirão os moradores resolveram construir a primeira capela de alvenaria. Foi realizada nos primeiros anos da década de 1930.” (FERREIRA; SELAU, 2001, p.68). A partir desta data a antiga capela de madeira passou a ser, a escola do bairro. Em 27 de julho de 1932 sai o decreto de criação da escola pública mista da Estação Sangão, no município de Criciúma. No ano de 1933 a escola de madeira com apenas uma sala de aula, funcionava com o total de 52 alunos com turmas do 1º ao 3º ano e com Olindina Maria da Luz como professora. Em 1935 a professora Judite Campos Pereira que foi a professora dos idosos e ex-alunos que entrevistei começou a lecionar com as turmas do 1º ao 3º ano. Em 1935 a escola recebeu o nome de escola Mista Estadual de Estação Sangão. Mas com o passar dos anos o número de alunos foi aumentando e por isso outros professores foram chegando. Em 1952 a escola encontrava-se em condições precárias e com 94 alunos do 1º ao 4º ano e além da professora Judite lecionava na escola a professora Gilda Benedet e o professor Manoel Paulinho de Oliveira. No ano de 1952 a escola já funcionava no local atual com duas salas de alvenaria e recebeu o nome de Escola Reunida Judite Duarte de Oliveira. Conforme relato de seu Fiorindo Zanette em entrevista, ele disse que o nome da escola é de uma pessoa que não tem nenhuma ligação com o bairro e muito menos com a escola, a única resposta que tiveram (os idosos) a esse respeito, é que um político catarinense exigiu que colocassem esse nome na escola para homenagear sua mãe, já investigaram sobre a vida de Judite Duarte de Oliveira, mas não conseguiram nenhum dado concreto. Então não se falou mais sobre o assunto. Segundo depoimentos de alguns idosos, a escola era bem cuidada, aos sábados a professora Judite e as meninas lavavam o

chão, enquanto os meninos levavam baldes de água tiradas de um poço que ficava próximo à escola.

Somos seres curiosos e desconfiados e como tal se estabelece em nós a necessidade de estarmos sempre receptivos e em condições de experimentar novas descobertas. Neste sentido posso dizer que é fascinante estar diante de uma construção que faz parte da história da comunidade e que compõe em si expressões existentes na história de um povo. Que se estrutura numa relação material e porque não dizer, até mesmo espiritual. Por isso, se faz necessário conscientizar que se trata de um patrimônio que herdamos do passado, traz um legado que está presente e pode transmitir uma importante página da história a essa geração e as gerações futuras. Esta construção pode vir a tornar-se patrimônio, histórico da região, pois um grupo do curso de História e do curso de Arquitetura da Universidade do Extremo Sul Catarinense – UNESC estão engajados em trabalhos de restauração da casa. A construção caracterizando-se como objeto de memória e conscientização dos indivíduos, proporcionando conhecimento para melhor compreensão da identidade histórica e permanecendo como memória viva da primeira escola do bairro Sangão, através deste trabalho de conclusão de curso espero que sua importância seja ampliada num âmbito maior alcançando a valorização não só da comunidade, mas também da sociedade criciumentense.

Figura 3 - Antiga Escola Mista da Estação Sangão (1933) - Criciúma – SC



Fonte: Acervo da Escola Judite Duarte de Oliveira.

Figura 4 - Antiga Escola Mista da Estação Sangão (2016)
Criciúma - SC



Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora.

A casa foi doada para a escola pelo Sr. Berto Gambalunga, que havia comprado a casa para colocar próxima a sua residência. E hoje está localizada no pátio da Escola Judite Duarte de Oliveira.

Figura 5 - Professora Judite Campos Pereira e turma



Fonte: Júlio Bernardo da Silva.

Figura 6 - Procissão com o objetivo de pedir chuva para a região



Fonte: Augusta Fernandes da Silva.

Figura 7 - Igreja do Bairro Sangão



Fonte: Custódia José Gonçalves.

3.1 MEMÓRIA

As recordações são como combustíveis para o homem, que no exercício de lembrar restaura parte de seu vigor e traz à tona sentimentos de saudosismo e em algumas vezes até tristeza, manifesta-se trazendo elementos que contribuem de forma significativa, fazendo com que os fatos antigos pareçam tão atuais e concretos. Um gesto, um cheiro, um lugar e mesmo a matéria bastam para ativar a memória, de maneira que sentimentos são vivenciados entre relações de passado e presente para a imensurável realidade.

Não há transição que não implique um ponto de partida, um processo e ponto de chegada. Todo amanhã se cria num ontem, através de um hoje. De modo que o nosso futuro baseia-se no passado e se corporifica no presente. Temos de saber o que fomos e o que somos para saber o que seremos. (FREIRE, 1979, p.33).

Em nossa trajetória, procuramos trilhar os caminhos que se apresentam, almejando manter o equilíbrio ideal entre o aceitar e o mudar, cercado-nos de convicções e valendo-se das melhores intenções, buscamos conquistar dias melhores para que o nosso amanhã não sofra com os descuidos do hoje, atrevo-me a dizer que grande parcela do conforto existencial depende do modo como conduzimos nossas escolhas. Seja como for parar para refletir sobre o que fomos e que somos se torna indispensável, nestes tempos modernos.

A sequência de fatores que nos envolvem e norteiam nossas ações, muitas vezes atropelam a verdadeira essência, nesta constante busca do ter nos é extraído tantos valores importantes, que são substituídos por futilidades que permanecem camufladas em nosso cotidiano, mas em meio às atribuições cabe-nos mantermos nossa essência.

Cortella (2015, p.79) registra que:

Só será possível construir um futuro e buscar excelência se formos capazes de conviver, dentro da igualdade, com a diferença das atividades que cada um faz. Num mundo que muda velozmente [...] E, nesse sentido, fazer “fora junto” obriga a olhar o outro como outro, e não com estranho. Num mundo que muda com a velocidade, se eu não olhar o outro como fonte de conhecimento para mim, independentemente de onde ele veio, de como ele faz, do modo como ele atua, eu perco a chance de renovação. O outro me renova, nós nos renovamos.

Estamos envolvidos demais com nossos interesses e torna-se cada vez mais difícil a percepção do mundo à nossa volta.

Bem outra seria a situação do velho, do homem que já viveu sua vida. Ao lembrar o passado ele não está descansando, por um instante, das lidas cotidianas, não está se entregando fugitivamente às delícias dos sonhos: ele está se ocupando consciente e atentamente do próprio passado, da substância mesma de sua vida. (BOSI, 2001, p.60).

Sendo fonte de conhecimento e sabedoria seria maravilhoso se doássemos um pouco do nosso tempo para ouvir as pessoas idosas que já aprenderam tanto com a vida.

A memória permite a relação do corpo presente com o passado e, ao mesmo tempo, interfere no processo atual das representações. Pela memória, o passado não só vem à tona das águas presentes, misturando-se com as percepções imediatas, como também empurra, “desloca” estas últimas, ocupando o espaço todo da consciência. A memória aparece como força subjetiva ao mesmo tempo profunda e ativa, latente e penetrante, oculta e invasora. (BOSI, 2001, p.26).

Sendo a memória uma fonte de pesquisa para a educação, valorizar os relatos dos idosos sobre fatos passados traz a possibilidade do conhecimento além dos escritos acadêmicos.

3.2 TEMPO E LUGAR

A natureza humana nos presenteou com a capacidade de percepção e sensibilidade. O tempo cronológico que se institui estabelecendo a organização quanto à duração de ações em períodos curtos e longos. Conseqüentemente o trabalho cerebral exerce a função de emitir sinais relacionados ao processo de passagem do tempo. Ouvimos pessoas falarem: “Sinto que o tempo está passando muito rápido”, “No meu tempo as coisas eram diferentes”.

Tempo para tudo. Tudo tem o seu tempo determinado, e há tempo para todo propósito debaixo do céu: há tempo de nascer e tempo de morrer, tempo de plantar e tempo de arrancar o que plantou; tempo de matar e tempo de curar, tempo de derribar e tempo de edificar; tempo de chorar e tempo de rir, tempo de prantear e tempo de saltar de alegria; tempo de espalhar pedras e tempo de juntar pedras, tempo de abraçar e tempo de afastar-se de abraçar; tempo de buscar e tempo de perder, tempo de guardar e tempo de deixar fora; tempo de rasgar e tempo de coser, tempo de estar calado e tempo de falar; tempo de amar e tempo de aborrecer, tempo de guerra e tempo de paz. (ALMEIDA, (org.) 2013, p.696).

No decorrer da vida experimentamos sensações diversas que são determinantes para o processo de crescimento, seja ele físico mental e até mesmo espiritual. Entender qual é a função do tempo em nossa caminhada é fundamental para nos conduzir a uma vida equilibrada e com propósitos alicerçados no buscar da melhor maneira de viver. Nesta jornada é importante conseguir entender como aproveitar as diversidades apresentadas em cada tempo, como forma de aprendizado. É possível verificar que existem alguns lugares que as marcas do tempo continuam firmes e presentes e outros lugares que continuam vivos em nós.

Existem lugares que estão guardados em nossa mente, lugares que nos inspiram outros lugares que insistem em ficar. E lugares que transmitem emoção, lugares visitados em anos distantes e jamais revistos, personagens de romances lidos quando éramos adolescentes, fragmentos de poesias que aprendemos de cor na escola e nunca mais esquecemos. (BOBBIO, 1997, p.53).

O lugar está ligado aos espaços que são familiares para nós, desta forma desde a infância fazendo parte de nossa vida. Bem cedo começamos a construir e organizar nosso espaço. É em casa que nós familiarizamos primeiro, com o espaço e mais tarde passamos a explorar outros ambientes. Como por exemplo, a nossa rua, o caminho até a escola, até o mercado e como ir até a cidade vizinha. Com o

tempo nossa identidade vai se formando a partir das impressões que vamos adquirindo na medida em que os lugares passam a ter fortes referenciais em nossa vida. Mas com tudo, mesmo morando em vários lugares não deixaremos por completo, as características do nosso lugar de origem. Sendo assim Canton (2009, p. 15) diz que:

Segundo o pensamento de Anthony Giddens. Para esse sociólogo britânico a palavra “espaço” é utilizada genericamente, enquanto “lugar” se refere a uma noção específica do espaço: trata-se de um espaço particular, familiar, responsável pela construção de nossas raízes e nossas referencias no mundo.

Um passado histórico é manifestado também como espaço que compõe a organização social dos povos que habitam os diferentes lugares, sendo que esses lugares podem fazer parte de um mesmo país. As características dos homens, na maioria das vezes revelam sua origem e o seu comportamento mostra o lugar de onde vieram.

4 DIALOGANDO COM OS EX-ALUNOS DA PRIMEIRA ESCOLA DO BAIRRO SANGÃO, MUNICÍPIO DE CRICIÚMA

Aos dados imediatos e presentes dos nossos sentidos nós misturamos milhares de pormenores de nossa experiência passada. Quase sempre essas lembranças deslocam nossas percepções reais, das quais retemos então algumas indicações, mero “signos” destinados a evocar antigas imagens. (BOSI, 2001, p.26).

Ao trazer a memória, fato significativo para traçar a trajetória das ações de pesquisa, constatei que muitos foram os eventos que conspiraram a favor da realização da pesquisa de campo.

A partir de conversas prévias com alguns parentes dos ex-alunos e com um ex-aluno, visualizei a possibilidade de concretizar minha pesquisa, mas a conversa gerava sempre em torno da mesma preocupação, qual seria a reação do entrevistado e se teria condições para me receber. Nas falas desses parentes eu percebia certa compreensão e entusiasmo dos ex-alunos. As conversas informais aconteceram no ônibus, no mercado e em outros lugares do bairro Sangão.

Um dos entrevistados estava tão próximo, e eu nem imaginava que ele pudesse se lembrar de tanta coisa e ser tão interessante ouvi-lo. Ele é o tio do meu pai (tio Júlio) que vem em nossa casa com frequência, enquanto toma chimarrão fica contando histórias.

A história oral tem como matéria a memória, que pode vir à tona através de estímulos diretos, que comumente denominamos memória voluntária. No entanto, a própria experiência de entrevistar aponta a força da memória involuntária. Estímulos os mais diversos desencadeiam processos de associação e de rememoração que fogem ao controle efetivo do entrevistador. Nesse aspecto é que desenvolver sempre a entrevista a partir da história de vida possibilita um extenso campo de estímulos involuntários e de associações. (MONTENEGRO, 2001, p.151).

Entre novas conversas parei para escutar mais um “causo”, então descobri que ele havia estudado na antiga escola de madeira do bairro.

Quando falei a ele sobre a pesquisa, ficou entusiasmado e logo se prontificou em ajudar e relatou emocionado que mantém guardado os seus cadernos e o diploma do primário. Ele confessou “eu posso dizer que tenho um tesouro guardado.” E disse mais: “eu sabia que um dia os meus cadernos serviriam para alguma coisa.”

Figura 8 - Cadernos escolares do ano de 1948



Fonte: Acervo de Júlio Bernardo da Silva.

Ficou emocionado quando falei da possível restauração da escola e logo ele se lembrou de alguns fatos ocorridos com a professora Judite Campos Pereira.

As marcas não apenas identificam os sujeitos diante do grupo como também ajudam a contar a sua história particular. Através da comunidade narrativa, essas histórias pessoais circulam e passam a fazer parte do imaginário. (HARTMANN, 2011, p.210).

De maneira geral posso dizer que fui bem recebida em todas as residências que visitei e todos se mostraram felizes em poder ajudar. Mas, logo no início dois idosos não puderam me atender por motivos de doença. Esta situação é compreensível em se tratando da idade dos entrevistados.

Comecei a entrevista da mesma forma com todos, mas no decorrer da conversa a entrevista foi se estruturando de forma diferente, visto que um novo questionamento surgia conforme eram dadas as respostas. Considerando que a entrevista possuía algumas perguntas geradoras que eram sobre a importância da primeira escola de madeira do bairro Sangão e quais são as lembranças vivenciadas na casa.

Além de falarem da localização da escola, os entrevistados relataram como era o bairro nos anos de 1930 e 1940 e também a importância de alguns fatos

vivididos na escola que ficaram em sua memória e como lembraram com carinho da primeira professora e de seus ensinamentos.

A primeira entrevistada foi Custódia José Gonçalves uma senhora muito simpática e guerreira. Ela nasceu no município de Maracajá no ano de 1928 veio morar no bairro, porque seu pai era encarregado da estrada de ferro. Nesta época ela tinha 13 anos de idade e logo que chegou já foi estudar na escola de madeira. Hoje dona Custódia está com 88 anos e enxerga pouco, devido à catarata em ambos os olhos.

A segunda entrevistada foi Nair Borsato Moretti uma senhora alegre e comunicativa, nasceu no ano de 1942 na casa que mora atualmente. Hoje está com 74 anos e nunca morou em outro lugar. Começou a estudar quando tinha 9 anos de idade. Ela disse que estudou pouco na escola de madeira, mas tem alguns fatos vivenciados nessa escola que ela recorda com carinho.

A terceira entrevistada foi Angélica Ferro da Silva uma senhora com um senso de humor fantástico, contou algumas histórias bem engraçadas. Ela nasceu no ano de 1941 num lugar que na época era chamado de Rio dos Porcos e atualmente é o Rio dos Anjos do Município de Içara. E com um ano de idade veio com a família morar no bairro Sangão. E com 7 anos de idade começou a estudar na escola de madeira. Hoje ela está com 75 anos.

A quarta entrevistada foi Augusta Fernandes da Silva com 69 anos de idade, ela é a pessoa mais generosa que eu conheço.

Resolvi também entrevistar Augusta Fernandes da Silva, minha mãe, pois ela lembra bem das atividades da casa de madeira, que depois de ser escola passou a exercer funções de Igreja até construírem a nova Igreja de tijolos e também foi Salão de Festas da Igreja. Ela nasceu no bairro Sangão no ano de 1947, emocionada ela conta detalhes da sua primeira eucaristia, da procissão de 1956 e a missa de corpo presente que foi realizada na casa, quando o pai da minha mãe faleceu.

Na veracidade em que os fatos são contados com riqueza de detalhes, é possível verificar que “lembrar o vivido é evocar a memória das marcas, reatualizando-as como reminiscências e corporificando-as através da linguagem.” (PÉRES, 2003, p.102).

O quinto entrevistado foi Fiorindo João Zanette que é professor aposentado, nasceu no bairro Sangão. E só saiu do bairro para estudar no curso

normal regional do estado que o habilitava a ser professor (o magistério da época). Ele é um senhor muito inteligente. Nasceu no ano de 1934.

O sexto e a sétima entrevistada são casados, por isso resolvi entrevistá-los juntos. Ele chama-se Júlio Bernardo da Silva nasceu no ano de 1935 na Rua Nova que hoje é município e tem como nome, Mampituba fica localizada no estado do Rio Grande do Sul. Ela chama-se Maria de Lurdes Borsato da Silva nasceu no ano de 1941 no bairro Sangão e lembra que estudou só um ano na escola de madeira.

Compreendemos a história como uma construção que, ao resgatar o passado (campo também da memória), aponta para formas de explicação do presente e projeta o futuro. Este operar, próprio do fazer histórico na sociedade, encontraria em cada indivíduo um processo interior semelhante (passado, presente e futuro) através da memória. (MONTENEGRO, 2001, p.17).

A memória viva dos entrevistados provocou em minha mente muitas projeções de imagens, que foram se organizando no decorrer das narrativas.

Os relatos dessas histórias foram fundamentais para a pesquisa, foi de grande satisfação perceber a alegria dos ex-alunos em poder compartilhar suas memórias comigo e se emocionaram em saber da possível restauração da primeira escola, pois nela ainda encontram-se as marcas da infância de cada idoso.

5 APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS

Conforme citado na metodologia utilizei a entrevista como instrumento de coleta de dados aplicando com sete idosos sendo 6 ex-alunos do colégio Judite Duarte de Oliveira do Bairro Sangão do Município de Criciúma SC, dessa forma analisarei as entrevistas para embasar minha pesquisa, fiz questão de iniciar as entrevistas com uma conversa informal, depois que a pessoa entrevistada estava bem à vontade comecei a filmagem e a entrevista.

A partir de desenhos dos alunos atuais do 9º ano da Escola Judite Duarte de Oliveira, somada as entrevistas dos ex-alunos da primeira escola do mesmo bairro, verificando os aspectos relacionados ao registro de desenho de memórias, que devem ser relevantes no processo de análise dos dados da presente pesquisa.

Tendo concluído todas as entrevistas na primeira etapa da pesquisa, de forma que é necessário valorizar cada detalhe mencionado para melhor compreensão e fidelidade ao transcrever os dados. Como forma de identificação, decidi usar letras quando mencionar os ex-alunos. Segundo Alencar e Virgolim, (1994, p.100), “pensar sobre histórias é sempre um pensar difuso pelas inúmeras vertentes da questão, e temos que escolher aspecto por aspecto para análise quando queremos chegar a uma visão posterior mais ampla.”

Os ex-alunos serão nomeados da seguinte forma A, B, C, D, E, F e G e os (A) Custódia José Gonçalves 88 anos. (B) Nair Borsato Morette 74 anos. (C) Angélica Ferro da Silva 75 anos. (D) minha mãe Augusta Fernandes da Silva (69) anos. (E) Fiorindo João Zanette 82 anos. (F) Júlio Bernardo da Silva 81 anos. (G) Maria de Lurdes Borsatto da Silva 75 anos.

No que se refere aos questionamentos todos são igualmente importantes, visto que percebi que alguns contribuiram com novas informações para a pesquisa, sendo então necessário fazer uma classificação.

A minha organização será formada nesta ordem, começarei com respostas relacionadas a casa e a professora, depois sobre o bairro e em seguida outros questionamentos que considero relevantes.

Como era a casa e onde se localizava?

Todos falaram que ficava ao lado da Igreja onde hoje é o salão paroquial.

A: *“Tinha uma pedra bem grande que servia de calçada.”*

B e C: Falaram que *“apesar de simples, estava sempre limpa.”*

D: *“Quando foi Igreja provisória ela tinha os bancos e o altar, tudo de madeira nobre.”*

E e F comentaram sobre as carteiras: *“As carteiras eram de madeira tinham uma saliência para os lápis e um buraco redondo para o potinho do tinteiro.”*

O que essa casa representa para você?

A: *“Aquela escola era minha paixão.”*

B, C, E, F, G: *“Foi nela o início de tudo. Foi o meu começo de estudo, onde aprendi a ler e escrever.”*

D: *“Lembro das missas que eu fui naquela casa. A primeira comunhão e a missa de sétimo dia da morte do meu pai tudo tá ligado à casa.”*

Conforme Le Goff (2003, p.419):

A memória como propriedade de conservar certas informações, remete-nos em primeiro lugar a um conjunto de funções psíquicas, graças as quais o homem pode atualizar impressões ou informações passadas, ou que ele representa como passadas.

Quanto ao nome da professora em algumas entrevistas, logo depois de falar sobre a escola, lembravam-se de comentar sobre a primeira professora.

A, E, F e G comentaram que o nome da primeira professora era Judite Campos Pereira. Já as entrevistadas **B, C** não estavam bem certas da resposta: *“Não tenho certeza do sobrenome, mas sei que era Judite”*. **D** não conheceu: *“Era a dona Judite, só que ela não foi a minha professora.”* O modo informal em que conduzi as entrevistas ajudou a estabelecer uma sintonia que aos poucos foi sendo construída entre entrevistador e entrevistado fazendo brotar um misto de sentimentos que contribuíram para evocar lembranças do passado. Neste contexto Montenegro (2001, p.152) diz que:

A capacidade de narrar uma história, um fato, uma experiência ou mesmo um sentimento está associada a dois fatores: por um lado, à descrição dos detalhes dos elementos que são projetados de forma tão viva e rica que se assemelham a um quadro que vai sendo redesenhado às nossas vistas; por outro, à capacidade de recuperar o lado imaginário do que era vivenciado individual e coletivamente em relação ao acontecimento narrado.

Naturalmente a maioria das pessoas idosas gosta de falar do passado, em algum momento da entrevista os entrevistados narravam as histórias dando mais ênfase aos detalhes. Pareciam estar motivados em buscar o melhor de suas

lembranças. De maneira que eu pude constatar essa reação depois de perceberem meu interesse e o relato de fatos que serviram como pequenos acréscimos para agregar a detalhes despercebidos.

Depois de comentarem sobre como tinha que ser o comportamento dos alunos na época, perguntei como era a rotina da escola.

Somente a entrevistada D não respondeu. Os outros responderam que cantavam o hino à bandeira e o hino nacional todos os dias. E comentou também: *“Ao entrar a gente ficava em forma (fila) e cantava os hinos patrióticos, depois fazia uma oração antes de começar a aula, isso acontecia todos os dias. Nós homenageávamos o dia da bandeira, do índio e da pátria.”*

F: *“Tinha aula nos sábados também e além de cantarmos os hinos, hasteávamos a bandeira nacional e os alunos que mais se destacavam eram chamados para colocarem a bandeira no mastro. Era um ato de muito respeito e dedicação.”*

Ao ler sobre os principais acontecimentos da Revolução de 1930, pude verificar que foi a partir desse ano que o país passou por mudanças importantes. Desta forma todos os professores tinham a obrigação de continuar ensinando a seus alunos o dever de amar a pátria.

Conforme Montenegro (2001, p.114), “a maneira como Getúlio interveio através do aparelho do Estado na relação capital-trabalho criou marcas significativas na memória popular.” Neste mesmo ano foram regulamentadas novas leis trabalhistas, que favoreceram a população brasileira. Algumas dessas leis se mantêm até os dias de hoje.

Quando perguntei sobre os materiais didáticos e como eram as avaliações da época. A entrevistada **A** relatou ter usado a lousa¹ no primeiro 1º ano. Mas nos anos seguintes usou o caderno e tinteiro. Ela disse que: *“A professora passava tarefas pra gente fazer em casa, e na frente dela tinha que ler tudo, chamava de lição, enquanto um lia os outros tinham que acompanhar, quando eu parava o outro tinha que continuar, e dividir, somar, multiplicar essas coisas tudo eu fazia.”*

A, B, C, E, F e G comentaram que usavam lápis, borracha, caderno, caneta tinteiro (segundo a Sr. Júlio a caneta tinteiro possuía um pequeno

¹ Um pequeno quadro que o aluno escrevia, depois lia várias vezes para gravar o conteúdo em seguida apagava, para no outro dia escrever novamente.

reservatório de tinta e a tinta era colocada dentro de um recipiente de vidro) utilizando também o mata borrão². **E**, **F** disseram que usavam livro de leituras somente na escola e gostavam muito de ler. Todos relataram que faziam provas orais e em folhas copiando do quadro negro, mas a matemática era a matéria mais cobrada e nenhum dos entrevistados sofreu com o castigo de palmatória, pois, eram bons na tabuada. Na prática de palmatória³ o professor utilizava uma régua, para bater na palma da mão do aluno a fim de castigá-lo. Em relatos de idosos a sensação dolorosa era terrível.

A entrevistada **A** não se lembrou das aulas de desenho, quando perguntei. Mas **B** e **C** tinham algumas recordações: *“Lembro que eu fazia trabalhos de bordado na escola, a gente chamava na aula de trabalhos, talvez fosse à aula educação artística.”*

Já os entrevistados **E**, **F** e **G** comentaram fazendo gestos, o **E** parecia que estava desenhando na mesa da sua sala. *“Nós tínhamos aula de desenhos com a professora, ela desenhava no quadro e nos fazíamos cópia. Ela desenhava animais paisagens, bandeira e vários temas, a dona Judite desenhava muito bem.”*

Em relação às aulas de Arte que foi uma das questões abordada nas entrevistas conforme Ferraz e Fusari (1993) entre os anos de 30 e 70, abordavam o “desenho” pedagógico nas escolas normais (esquemas de construções de desenho para “ilustrar” aulas). E eram desenhos com técnicas de cópias que contribuía para bloquear parcialmente o estímulo a formação da imagem mental. Desta forma limitando à criatividade:

[...] Do ponto de vista metodológico, a aula de desenho na escola tradicional é encaminhada através de exercícios, com reproduções de modelos propostos pelo professor, que seriam fixados pela repetição, buscando sempre o seu aprimoramento e destreza motora. (FUSARI; FERRAZ, 1993, p.25).

Ao analisar as respostas sobre as lembranças que os ex-alunos tem sobre o bairro Sangão, concluo que, de modo geral todos guardam ótimas lembranças da estação de trem, e do trem que chamavam de Maria Fumaça. A

² Mata-borrão é um papel sem cola que tem o objetivo de absorver tinta fresca (<https://www.significados.com.br/mata-borrao>).

³ Palmatória é uma espécie de régua de madeira, com uma das extremidades em forma circular, geralmente marcada por cinco furos em cruz, com a qual antigamente pais e professores castigavam as crianças, batendo-lhes com ela na palma da mão).

entrevistada **A** disse que: *“Tinha uma fila de coqueiros, o bairro era muito bonito.”* No entanto os entrevistados **B, C, D, E, F** comentaram a existência das casas de “turma” próximas à estrada de ferro. Essas casas eram construídas para os trabalhadores da estrada de ferro. Os entrevistados falavam da infância, como se não fosse uma época distante. De acordo com Bachelard (1988, p.130) essa fala torna-se compreensível:

A infância não é uma coisa que morre em nós e seca uma vez cumprido o seu ciclo. Não é uma lembrança. É o mais vivo dos tesouros, e continua a nos enriquecer sem que saibamos... Ai de quem não pode se lembrar de sua infância, reabsorvê-la em si mesmo. Como um corpo no seu próprio corpo, um sangue novo no sangue velho: está morto desde que ela o deixou.

As crianças de todas as épocas sempre encontraram maneiras próprias para diversão. Com facilidade inventavam brinquedos e brincadeiras, mas em relação ao divertimento fiquei curiosa, para saber como os moradores do bairro se divertiam nos anos 30 e 40. Em depoimentos, os idosos citaram fatos iguais. Com um ou outro detalhe diferente, mas todos carregados de muita emoção. Os entrevistados falaram com entusiasmo do dia mais esperado do ano. O dia 7 de setembro. As meninas, além de colocarem fitas amarelas e verdes nos cabelos levavam bandeirinhas e os meninos iam com os sapatos bem engraxados, todos de uniformes bem limpos. Espalhavam bandeirinhas e todos da comunidade iam ver os alunos marcharem. Nesse dia todos usavam calçados e passavam pelas ruas mais próximas da estrada de ferro.

E: *“Ficávamos brincando em volta da escola e na época a gente brincava de pião, de bolinha de gude e as meninas brincavam de roda, de pular corda.”*

D: *“A nossa diversão era ir à missa e quando tinha festa da padroeira, já na quinta-feira, vinha do Rio Grande do Sul um senhor que a gente chamava de “Mesquita” ele colocava um alto-falante na torre da Igreja e tocava músicas que eram oferecidas, uma pessoa homenageava a outra. E foi numa dessas festas que a minha família descobriu que eu estava namorando, foi o maior bafafá.”*

C: *“Os mais velhos iam dançar na domingueira. Dizem que até bailes fizeram na casa que foi escola, mas eu não lembro.”*

Realmente os fatos narrados assumem um formato de reconstrução do passado.

Neste sentido, entendemos que a memória que constrói a “história vivencial” de um sujeito não é uma simples acumulação de recordações, mas a revivência de uma trama de seqüências significativas, isto é, uma memória não de fatos com sentido e coerência lógica, mas de acontecimentos com a possibilidade de produzir efeitos de sentido e significação no presente. (GOLDFARB, 1998, p.66).

Penso que se faz necessário comentar sobre as recordações significativas que foram vivenciadas pelos entrevistados que os mesmos consideram inesquecíveis e as considerações finais de alguns entrevistados que emocionados fizeram um apelo.

Percebi que os idosos falaram algumas palavras e fatos que eu nunca tinha escutado como, por exemplo:

A: *“Meu pai era feitor da estrada de ferro”* referindo-se a profissão de encarregado.

B: *“Era a prova sabatina”* as provas que eram aplicadas aos sábados.”

D: *“No meio da Igreja colocaram um pano preto, e diziam que era meu pai morto”* aconteceu na missa de sétimo dia e ela tinha apenas nove anos.”

E: *“Ela atendia pela cunha de Zuzi”*. Era a sobrinha da dona Judite.

G: *“Depois eu fui estudar no grupo”,* grupo era a escola de alvenaria.

Um fato curioso em que a entrevistada **B** ficou até nervosa ao relatar. Foi sobre a prova sabatina, o professor cobrou todos os conteúdos na prova, porém mandou que estudassem para uma disciplina apenas. O resultado foi que somente quatro alunos foram aprovados naquele ano. *“E hoje eu penso, nenhum pai foi lá reclamar com o professor.”*

C: Fizeram uma grande festa no dia da inauguração da escola de alvenaria e até o governador do estado de Santa Catarina esteve presente. A visita do governador do estado de Santa Catarina no dia da inauguração da escola de alvenaria. *“E quando fui dizer o penúltimo verso do poema eu esqueci o pior que era só eu e um colega. Eu fiquei com tanta vergonha que sai correndo.”*

O entrevistado **F** falou sobre os piqueniques que a dona Judite organizava. *“Nós íamos de trem e para lanchar levávamos bolos, frutas e batata doce assada. A gente ia e voltava cantando.”*

As considerações finais da entrevistada A: *“Este lugar foi muito bom pra mim. Mas o que eu tenho ciúme é que tinha uma pedra grande que servia de calçada, era uma pedra bem quadrada ficava ali pra entrar na escola, era uma*

beleza. E agora eu tive uma sorte que trouxeram a minha escolinha pra perto da outra escola só que ta lá, ainda não arrumaru ela. Eu queria ter o gosto de ver ela levantada tudo bem direitinho. Eu quero ver a escola ainda e fico perguntando quando vão arrumar. E a gente não sabe quando é que vai.”

Disse também o entrevistado **E**: *“A escola tem o nome de alguém que ninguém sabe quem ela era. Não tem nenhuma relação com a história do bairro.”*

E por último o que disse o entrevistado **F**: *“Eu quero ter o prazer de ver a minha antiga escola. Tem que ver o nome e colocar o certo Judite Campos Pereira e não Judite Duarte de Oliveira.”*

Durante a narração, a troca não ocorre apenas no plano da linguagem, mas através do ar: pelo sopro compartilhado em que vibra a voz de quem fala no ouvido de quem escuta, pelo calor físico gerado pelos gestos de quem conta e de quem reage, pela vibração motriz involuntária [...] Chegamos a um plano da conspiração, onde podemos entender a partilha narrativa com “um respirar junto” cuja intimidade irrepetível gera uma forma muito particular de confiança. (GHIRARDELLO, 2007, p.42).

Compreendo que durante as entrevistas alguns dos ex-alunosvisualizaram em mim a possibilidade em ajudar no resgate da memória, em alguns momentos, mesmo que involuntário eles tinham o cuidado em colocar cada fato com sua veracidade. Talvez por considerarem necessário que eu compreendesse cada detalhe e dessa maneira eu pudesse ter uma clara visão do passado que na própria memória se revelou.

6 A ARTE, O DESENHO E A BUSCA DAS MEMÓRIAS

A arte é uma produção; logo, supõe trabalho. Movimento que arranca o ser do não ser, a forma do amorfo, o ato da potência, o cosmos do caos. A palavra latina *ars*, matriz do português arte, está na raiz do verbo articular, que denota a ação de fazer junturas entre as partes de um todo. (BOSI, 2001, p.13).

A arte consegue através de suas várias linguagens fazer a junção de vários conhecimentos como memórias, experiências, intuições, pensamentos, vivências individuais e também o desenho que durante um longo período da história servia como coadjuvante apoiador na execução de maiores projetos, como da pintura e da escultura, servindo apenas para auxiliar e contextualizar uma fase ou período. Na busca por uma representação fiel da beleza, nesta época tudo gerava em torno do homem. No período do Renascimento o desenho se tornaria o fundamento para toda arte, a cópia que a cada dia se tornaria mais elaborada, na incansável busca que resultou em técnicas de aprimoramento. E com a ciência tornando-se visivelmente importante, o desenho torna-se indispensável em estudos minuciosos de anatomia, geometria e perspectiva. Em toda a existência da história da Arte, o desenho sempre esteve presente no decorrer do processo criativo dos artistas. De forma revolucionária como fonte de inspiração e serve como âncora para sintetizar as disciplinas apresentadas na escola. Desta forma o desenho tem características de representação gráfica, facilitando assim, na organização dos diversos conteúdos de Artes. De modo, para que haja a devida apropriação de vivências. Assim afirma Pillar (1991, p.6) que, “a criança tem a capacidade de poder reconstruí-las mentalmente, para, só então, poder expressar tais representações numa linguagem”.

O desenho é ferramenta importante em vários seguimentos artísticos. Inclusive na música, na dança e no teatro. Sendo que Derdyk (2004, p.112) diz:

O desenho não é uma mera cópia, reprodução mecânica e original. É sempre uma interpretação elaborando correspondências, simbolizando, significando, atribuindo novas configurações do original. O desenho traduz uma visão porque traduz um pensamento, revela um conceito.

Quero estabelecer dentro deste contexto a construção de análises que podem viabilizar os resultados obtidos na segunda etapa desta pesquisa, visto que foi elaborando mediante interações entre a narrativa e o desenho das circunstâncias,

os desenhos apresentam-se com a função de representação.

Visto que “o desenho possui uma natureza específica, particular em sua forma de comunicar uma ideia, uma imagem, um signo, através de determinados suportes.” (DERDYK, 2004, p.18).

Antes de iniciar as atividades na Escola Judite Duarte de Oliveira com o 9º ano do ensino fundamental, com o professor Rafael Back na disciplina de artes, recolhi as autorizações de uso de imagem de cada aluno. Iniciei comentando sobre o objetivo da minha pesquisa e qual seria o procedimento da atividade, os alunos assistiram alguns trechos das entrevistas, que fiz com os ex-alunos, sobre a primeira escola do bairro Sangão, que foram mostradas através do *datashow* da escola. Conversamos sobre o que foi mais relevante para eles. Neste momento surgiu uma preocupação, pois apenas quatro alunos falavam, tentei estimular a fala fazendo perguntas. Nem assim falaram. Então estendi o tecido e uma menina distribuiu as canetas esferográficas para todos, eles ficaram olhando um pouco para o tecido e começaram a desenhar. Foi então que percebi que a maioria comentou o que mais os tocou enquanto desenhavam. Alguns dos comentários que ouvi foram:

“Eu vou fazer a mão e uma régua, porque os alunos apanhavam nas mãos.”

“Tu ouviu a hora que ele falou que poucos tinham calçados?”

“É, mais no dia 7 de setembro todos iam de calçado.”

“Eu vou desenhar o trem que levava as pessoas.”

“O trem precisa do trilho, vou desenhar.”

“Como vou fazer um desenho da tabuada?”

“Eu faço a amarelinha, porque eles brincavam.”

A arte ensina justamente a desaprender os princípios das obviedades que são atribuídas aos objetivos, às coisas. Ela parece esmiuçar o funcionamento dos processos da vida, desafiando-os, criando para novas possibilidades. A arte pede um olhar curioso, livre de “pré-conceito”, mas repleto de atenção. (CANTON, 2009, p.13).

Ao observar os desenhos com mais calma, percebi que toda a representação não fugiu do contexto evidenciado nas narrativas dos ex-alunos e apesar de não interagirem como eu esperava, fiquei muito satisfeita com o resultado final.

Figura 9 - Criação de desenhos a partir das narrativas de memórias



Fonte: Acervo pessoal da pesquisadora.

Figura 10 - Criação de desenhos a partir das narrativas de memórias



Fonte: Acervo pessoal da pesquisadora.

Figura 11 - Criação de desenhos a partir das narrativas de memórias



Fonte: Acervo pessoal da pesquisadora.

Figura 12 - Criação de desenhos a partir das narrativas de memórias



Fonte: Acervo pessoal da pesquisadora.

Figura 13 - Criação de desenhos a partir das narrativas de memórias



Fonte: Acervo pessoal da pesquisadora.

Os alunos puderam desenhar e comentar sobre um dos meios de transporte da época que era o trem, sobre as atividades cívicas e atos em homenagem a bandeira nacional, sobre as brincadeiras daquela época, sobre as condições de vida daquela comunidade, muitas vezes desprovidas dos bens básicos como calçados.

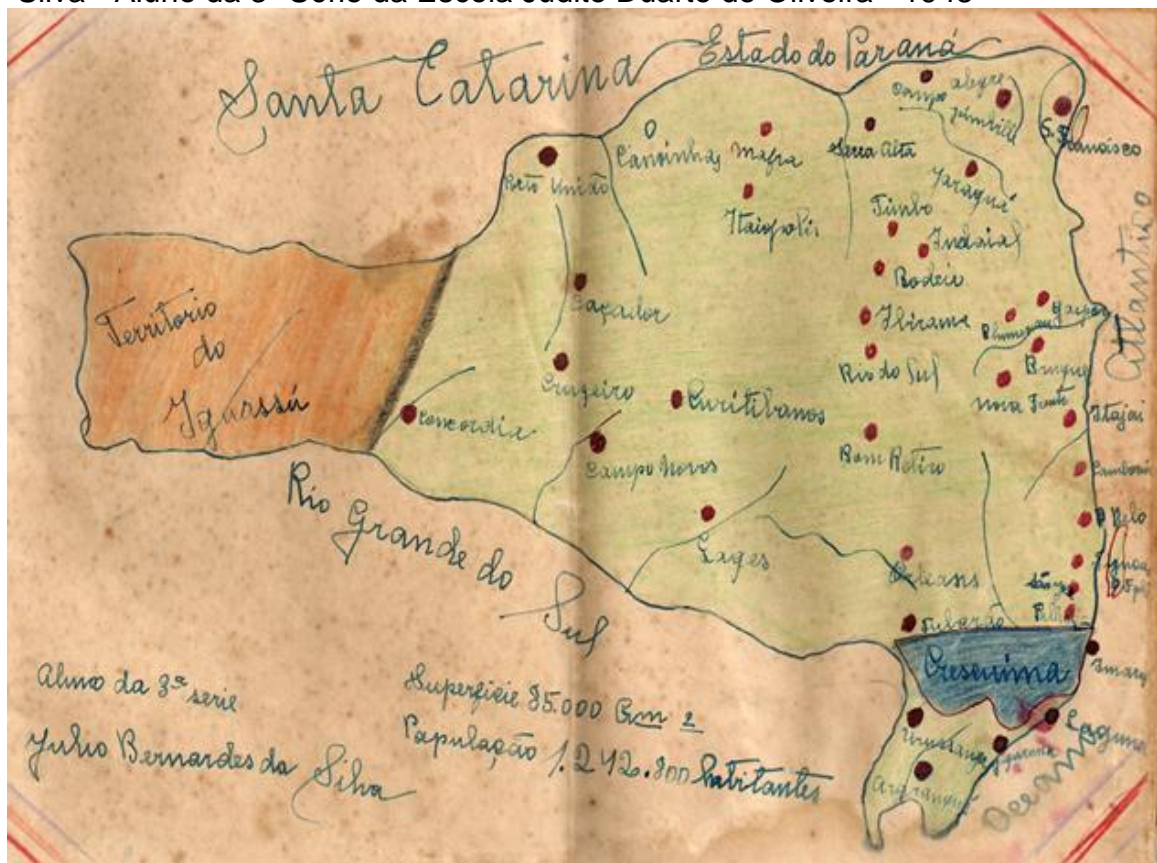
Quantas narrativas de memórias poderiam ser utilizadas como fatos geradores de várias discussões em sala de aula?

7 PROJETO DE CURSO

TÍTULO

Resgatando memórias.

Figura 14 - Mapa do Estado de Santa Catarina de autoria de Júlio Bernardes da Silva - Aluno da 3ª Série da Escola Judite Duarte de Oliveira - 1948



Fonte: Acervo de Júlio Bernardes da Silva

EMENTA

Apropriando-se de linguagens artísticas como modo de análise, síntese e construção de significados a partir de narrativas das memórias dos ex-alunos da Escola Judite Duarte de Oliveira e a importância da preservação da memória no contexto escolar.

CARGA HORÁRIA

20 horas

PÚBLICO - ALVO

Alunos do 8º ano do ensino fundamental II da Escola Judite Duarte de Oliveira do Bairro Sangão do Município de Criciúma SC.

JUSTIFICATIVA

Ao elaborar essa oficina, trago como objetivo identificar elementos que podem contribuir de forma concreta e perceptível para ressaltar as marcas do tempo deixadas na velha casa de madeira que foi construída nos anos 1930, sendo que com a união da comunidade foi construída a primeira escola isolada da redondeza.

Eram tempos difíceis em que toda a família ajudava no sustento e na renda familiar, viviam basicamente do cultivo da terra, como meio de transporte possuíam o trem, os cavalos e a junta de boi.

Naquela época com a comunicação precária através de um ou dois rádios que havia na comunidade foi possível ouvir a notícia do final da segunda guerra mundial e a encantadora música da garota de Ipanema.

Para estudar deveria ter muita vontade e persistência para conseguir registrar o conteúdo na mente, pois o único material didático era a lousa. Os alunos escreviam e liam várias vezes, registrando o conteúdo através do olhar, porque em breve a lousa deveria ser apagada.

A velha escola foi testemunha do castigo da palmatória, numa época em que o professor só não era mais importante que o padre.

Os piqueniques anuais e as comemorações do dia sete de setembro eram os eventos mais esperados do ano. Era o dia de usar sapatos para declamar versos, cantar o hino da bandeira e o hino nacional em reverência ao hasteamento da bandeira, o patriotismo era tema muito trabalhado em sala de aula, pois era cultivado nas lições e redações.

E procurando o verdadeiro motivo para justificar meu interesse pela casa e me deparei com recordações da infância, o que me levou a uma certeza; cada

tabua da casa que se mantém em pé é como um ato de resistência que insiste em permanecer. Esta casa faz parte da história do bairro, ela é testemunha que vidas foram transformadas pela educação.

Pensar como é produzir uma outra forma de olhar a realidade, enxergando-a em sua multidirecionalidade, incorporando ao pensamento as múltiplas possibilidades de conexões, cortes, aproximações, percepções. É o modo disciplinar de olhar o outro e, ao mesmo tempo, enfrentar o desafio de organizar nosso conhecimento sobre o outro e sobre nós mesmos. (PÉRES, 2003, p.98).

Ter um olhar mais sensível não depende de uma pessoa apenas, o fato de estar sempre envolvido com tantos afazeres e a tecnologia ali sempre presente direcionando seu olhar. De fato, é necessário que possamos ter momentos para analisar o eu dentro de uma história, e investigar quais as marcas que ainda insistem em ficar.

E é pensando neste contexto que proponho as atividades a seguir.

OBJETIVOS

Geral

Proporcionar uma experiência com desenho para que os alunos se sensibilizem sobre a importância da preservação do patrimônio histórico escolar.

Específicos

- ✓ Contribuir para a preservação do patrimônio histórico da escola Judite Duarte de Oliveira;
- ✓ Registrar fatos herdados da antiga escola, usando a linguagem do desenho;
- ✓ Organizar uma apresentação do trabalho concluído para toda a comunidade;
- ✓ Despertar a atenção da comunidade com ações que viabilize a preservação da antiga escola.

METODOLOGIA

O curso será realizado para alunos do 8º ano do ensino fundamental II da Escola Judite Duarte de Oliveira do Bairro Sangão do Município de Criciúma SC, totalizando 20h/a.

Primeiro encontro: Apresentar aos alunos slides contendo um apanhado geral sobre o desenho. Logo após, os alunos irão manusear algumas fotos antigas. Depois irão fazer atividades para desenvolverem noções de técnicas do desenho. No próximo encontro os alunos deverão trazer uma pesquisa sobre: como era a escola dos anos 30 e 40 e conversar com idosos sobre esse assunto.

Segundo encontro: Deverão se organizar em grupos com cinco alunos. Após assistirem trechos de entrevistas feitas com ex-alunos que estudaram na primeira escola do bairro Sangão, os alunos planejarão qual será o enredo de história que irão criar, sendo que cada grupo deverá seguir as normas que serão determinadas por toda a turma antes da elaboração da história.

Terceiro encontro: Em grupos começarão os trabalhos que foram planejados no encontro anterior.

Quarto encontro: A atividade acontecerá no pátio da escola em frente à antiga casa de madeira, que foi a primeira escola do bairro Sangão. Os alunos deverão compor cenários usando elementos que possam destacar a escola em tempos passados e que também estejam relacionados com as histórias já desenhadas por eles. Usar a fotografia para registrar, pois será a capa do livro.

Quinto encontro: Montar o livro com capa contracapa e as demais páginas. Em seguida os grupos apresentarão seus livros a toda a turma e falarão sobre a estratégia pesada para divulgação do livro. Antes do término do encontro será dado um tempo para que possam concluir oralmente.

Orçamento: Folha A4, lápis 6B, borracha, caneta nanquim. Máquina fotográfica, roupas e utensílios semelhantes aos dos anos 30 e 40. (Orçamento no valor de cinquenta reais).

REFERÊNCIA

PÉRES, Carmen Lucia Vida; GARCIA, Regina Leite (org.) **Método Pesquisa com o Cotidiano**. Rio de Janeiro: DP & A Ed, 2003.

8 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como objetivo da minha pesquisa propus investigar relatos de memória dos idosos, ex-alunos da escola Judite Duarte de Oliveira, e através de uma prática de desenho com uma turma do 9º ano desta mesma escola, revelar a importância destas memórias, tanto escolares como de vida, para os novos alunos como também valorizar a importância de preservar o patrimônio escolar como narrativas, cadernos, boletins, fotografias.

Através das narrativas os alunos puderam retirar referências para as criações em desenho desenvolvidas por eles, tornando-se assim uma nova narrativa, contrapondo as práticas educativas, o meio de transporte, as experiências vividas pelos ex-alunos, o que contribui para um novo olhar do aluno frente à sua realidade.

Como valorizar a fala dos mais velhos? Como fazer destas experiências aprendizagens para os alunos de hoje? Como podemos trazer estas experiências/vivências para dentro da sala de aula? Existe no nosso bairro, na nossa família, na nossa casa, idosos com muitas histórias que trazem outras visões, de outro tempo, de outros lugares, de outras práticas educativas?

Este é o desafio que procurei revelar através da minha pesquisa, que partiu de minha própria experiência com meus familiares, com a história do meu bairro, com as histórias contadas na minha casa. “Ainda bem que o que eu vou escrever já deve estar na certa de algum modo escrito em mim [...]” (LISPECTOR apud GARCIA, 2003, p.112).

Comentando o que escreve Clarice Lispector muito de nossa arte tem nossa história, nossos pensamentos, experiências, e porque não nossas práticas educativas não poderiam ter também um pouco de nós, como indivíduos que tem uma narrativa a ser contada e poetizada?

Quanta riqueza esconde a memória dos velhos como indagações para nosso tempo/lugar? Podemos fazer estes questionamentos através desta pesquisa de trabalho de conclusão de curso e muitas perguntas ainda podem surgir, tendo como objetivo revelar a importância destas memórias, tanto escolares como de vida, para os novos alunos da Escola Judite Duarte de Oliveira busquei contribuir para ampliar os conhecimentos e percepções dos alunos atuais e também valorizar as narrativas de experiências dos mais velhos e suas lições de vida.

REFERÊNCIAS

- ALENCAR, Eunice M. L. Soriano de; VIRGOLIM, Ângela M. Rodrigues (Orgs). **Criatividade: expressão e desenvolvimento**. Petrópolis RJ, 1994.
- ALMEIDA, João Ferreira de. **A Bíblia Sagrada**. Traduzida 2 ed. Barueri SP: Sociedade Bíblica do Brasil, 2013.
- ALVES, Marisa Fava Cardoso. **Origens e processos de trabalho**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2009.
- BACHELARD, Gaston. **A poética do devaneio**. São Paulo: M. Fontes, 1988.
- BOBBIO, Norberto. **O Tempo da Memória – De Senectute e outros escritos autobiográficos – Prefácio de Celso Lafer**. Rio de Janeiro: Campos, 2ª Reimpressão, 1997.
- BOSI, Alfredo. **Reflexões sobre Arte**. São Paulo: Editora Ática, 2000.
- BOSI, Ecléia. **Memória e Sociedade – Lembranças de Velho**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.
- CORTELLA, Mario Sergio. **Qual e a tua obra? Inquietações propositivas sobregestão, liderança e ética**. Petrópolis-RJ: Vozes, 2015.
- CANTON, Katia. **Espaço e Lugar**. São Paulo: Ed. WMF Martins Fontes, Coleção temas da Arte contemporânea, 2009.
- CANTON, Katia. **Tempo de Memória**. São Paulo: Ed. WMF Martins Fontes, Coleção temas da Arte contemporânea, 2009.
- CRESWELL, John W. **Projeto de pesquisa: métodos qualitativo, quantitativo e misto**. Porto Alegre: Artmed, 2007.
- DEMO, Pedro. **Pesquisa e Construção de Conhecimento: Metodologia Científica no Caminho de Habermas**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2000.
- DERDYK, Edith. **Formas de Pensar o Desenho – Desenvolvimento do Grafismo Infantil**. São Paulo: Editora Scipione, 2004.
- FERREIRA, Darcy G; SELAU Maurício da Silva. Lucy Cristina Ostetto e Marli de Oliveira Costa (Orgs.) **Circulando por Lugares Sagrados: Reconhecendo a Memória Religiosa de Criciúma - Caderno do patrimônio histórico de Criciúma– n.1**. Criciúma SC: UNESC, 2001.
- FREIRE, Paulo. Educação e Mudança. **Coleção Educação e Comunicação**. Vol.1. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.
- FUSARI, Maria Felisminda Resende; FERRAZ Maria Heloisa Correa de Toledo. **Arte na Educação Escolar**. São Paulo: Cortez Editora, 1993.

GARCIA, Regina Leite (org.) **Método**: pesquisa com o cotidiano. Rio de Janeiro. DP&A, 2003.

GHIRARDELLO, Nilson; SPISSO, Beatriz. **GT Memória e Preservação**. Bauru SP: Edição revisada e atualizada, 3 ed, 2008. Disponível em: <www.creasp.org.br/arquivos/publicacoes/patrimonio_historico>. Acesso em: 05 nov. 2016.

GOLDFARB, Délia Catullo. **Corpo, Tempo e Envelhecimento**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1998.

HARTMANN, Luciana. **Gesto, Palavra e Memória**: Performances e narrativas de contadores de casos. Florianópolis: Ed. Da UFSC, 2011.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. 5. Ed. Campinas, SP: UNICAMP, 2003.

LOUYOT, Anne. **Lugar, Tempo, olhar. Arte Brasileira na França Românica**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2009.

MARCONI, Maria de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de Metodologia Científica**. São Paulo: Atlas S.A, 2010.


MONTENEGRO, Antônio Torres. História oral e memória: a cultura popular revisada. São Paulo: Contexto. **Coleção Caminhos da História**, 2001.

PÉRES, Carmen Lucia Vida; GARCIA, Regina Leite (org.) **Método Pesquisa com o Cotidiano**. Rio de Janeiro: DP & A Ed, 2003.

PILLAR, Analice Dutra. **A Representação do Espaço no Desenho**. Porto Alegre: Projeto Arte na Escola, 1991.

ANEXO (S)

APÊNDICE A - AUTORIZAÇÃO DO USO DE IMAGEM, FALA E ESCRITA

	<p>UNIVERSIDADE DO EXTREMO SUL CATARINENSE – UNESC UNIDADE ACADÊMICA DE HUMANIDADES, CIÊNCIAS E EDUCAÇÃO CURSO DE ARTES VISUAIS – LICENCIATURA</p>
---	---

AUTORIZAÇÃO DO USO DE IMAGEM, FALA E ESCRITA

Eu, _____ residente e domiciliado(a) no (ENDEREÇO), _____, autorizo, de forma expressa, o uso e a reprodução de minha imagem, do som da minha voz, sem qualquer ônus, em favor da pesquisa da acadêmica Giodete Fernandes da Silva do Curso de Artes Visuais da UNESC sob orientação do Profª Angélica Neumaier para que o mesmo os disponibilize como dados da pesquisa de campo em seu Trabalho de Conclusão de Curso.

Por esta ser a expressão da minha vontade, declaro que autorizo o uso acima descrito sem que nada haja a ser reclamado a qualquer título que seja sobre direitos à minha imagem, conexos ou a qualquer outro.

Local e data: _____

Assinatura: _____

Identificação na pesquisa:

Destaque abaixo o nome que gostaria de ser identificado na pesquisa
